

Minhas reminiscências

Alice Piffer Canabrava*

Meus trabalhos sempre foram feitos a partir de fontes primárias e eu não sei exatamente como fui conduzida a esse tipo de pesquisa nos arquivos. Eu apenas me lembro de já estar lá mexendo em toda aquela papelada. Lembro-me bem de que sempre carregava comigo um caderninho, no qual fazia constar o carimbo dos arquivos em que já havia estado. No caso dos tabeliões, por exemplo, há sempre dificuldade de se consultar os documentos. Parece-me, havia uma espécie de medo por parte dos tabeliões de que eu fosse mensageira do governo para ver se estava tudo em ordem e o caderninho ajudava, pois era fácil mostrar que se tratava apenas de uma pesquisadora. O Rui Barbosa havia mandado queimar os documentos sobre a escravidão. No entanto, muito material permaneceu intacto, principalmente nos tabeliões.

Eu não sei bem como adquirir o gosto por esse tipo de pesquisa. Os cursos que frequentei não o exigiam. Eles eram mais dirigidos para o ensino. Eu tive dois grandes professores que influenciaram muito minha formação intelectual. O primeiro deles foi Paul Ferdinand Braudel. Ele ensinava e conquistava as pessoas pelo encantamento. Não devemos nos esquecer de que nós vínhamos de uma geração em que o professor era "*magister dixit*" ou seja, o professor em cima e os alunos lá em baixo. No entanto, Braudel era diferente. Muitas vezes ele nos convidava para tomar chá. Naquela época, havia duas confeitarias famosas no centro de São Paulo - a Vienense e a Seleta - em que nos reuníamos para tomar chá. As preleções do professor Braudel eram encantadoras. Ele traçava as grandes linhas da civilização e não se detinha nos detalhes. Braudel tinha um grande interesse pela História Econômica. Ele dizia que havia adquirido esse interesse por influência da avó, pela qual tinha grande ternura; ela o levava para visitar as oficinas de artesãos em sua infância. A avó lhe explicava como se fazia o pão, como se trabalhava a madeira, como se temperava o aço na metalúrgica. Creio que o gosto que adquiri pela História Econômica possa ter sido influência de meus professores. Talvez seja por causa do Braudel que tinha um grande interesse por assuntos de economia.

Já Pierre Monbeig era ferro e fogo. Nós saíamos para fazer pesquisa de campo em Geografia. Subíamos no monte Jaraguá e daquela perspectiva, diante daquela paisagem, ministrava a sua

* Professora titular aposentada da FEA-USP

aula de campo. Ao voltar de lá, começava a penitência: o relatório do que havíamos visto. À base do mapa, tínhamos que traçar as curvas de nível em papel milimetrado. As aulas do Monbeig eram um verdadeiro sofrimento. Monbeig foi um grande professor e gostaria de ter ficado no Brasil. No entanto, sua esposa não o quis. Já o Braudel, eu penso que ele nunca pensou em ficar por aqui. Mas dizia que o período mais feliz de sua vida tinha sido vivido no Brasil. Nós tivemos também o Prof. Frederic Mauro, mas ele não tinha o mesmo brilho.

Também fui aluna do professor Afonso D'Escragnole Taunay. Quando estudei História do Brasil, a bibliografia resumia-se à obra do Taunay. O meu gosto pela pesquisa não vem do Taunay. Ele não era um grande professor. O seu grande mérito foi ter sido um compilador incansável. Ele mandou vir a cópia dos arquivos espanhóis. Foi um pioneiro. Mas não possuía a versatilidade de um Capistrano de Abreu, muito mais profundo do que o Taunay nas implicações sociais.

Capistrano de Abreu já representa, em relação a Taunay, nova etapa no desenvolvimento histórico da pesquisa no Brasil. No livro dele, *Capítulos de História Colonial*, há abertura no tratamento dos temas, é uma nova abordagem. Logo a seguir, viria o Caio Prado [Jr.], representando nova etapa. Penso em dois grandes livros. O primeiro deles é o *Formação do Brasil Contemporâneo* escrito por Caio Prado, um grande historiador. Seu livro abriu muitas perspectivas, influenciou toda uma geração. O segundo deles é Gilberto Freyre com *a Casa Grande e Senzala*. Na época em que o livro saiu, houve muitas críticas, pois dizia-se que muitas de suas conclusões não se aplicavam ao sul. Não estou de acordo. É uma esquematização muito simplista dizer que não foi também assim no sul. Acho que há sutilezas, formas intermediárias. Não devemos nos esquecer, também, de Capistrano de Abreu com *Capítulos de História Colonial*. Creio que são três grandes livros. Também tenho como extraordinário o livro do Varnhagen. Revelou documentos e fatos que abriram caminho que não se conhecia antes.

Para mim, o Celso Furtado é um grande historiador. O livro dele é difícil de ser lido, principalmente a partir da metade. Certa vez eu o convidei para almoçar aqui. Havia convidado também alguns alunos o Flávio Saes, o Muniz Barreto, o Ibrahim João Elias e outros. Ele ficou admirado e disse: *Quantos historiadores!* E eu lhe respondi: *São todos fãns do Senhor!* Em outra ocasião organizei um seminário sobre o livro do Caio Prado e o convidei para assistir. Todas as semanas, às quartas-feira, um aluno expunha um capítulo do livro. O único inconveniente era que a aula começava às sete e meia da manhã. Certo dia ele apareceu, sentou-se na última fila e ficou lá quieto ouvindo a apresentação.

Em Portugal, Vígínia Raw e Vitorino Magalhães Godinho foram os maiores historiadores da época contemporânea. O Braudel dizia que a inteligência do Godinho era fascinante. Na Faculdade de Filosofia, alguns docentes deixaram uma obra, caso do Sérgio Buarque de Holanda. Era um professor um pouco difícil de se seguir o raciocínio. No entanto, foi um grande historiador. Havia também o Emílio Willems, antropólogo. O Levi-Strauss esteve pouco tempo

no Brasil. Ele e a esposa foram conviver com os índios Nhambiquaras. Ela pegou oftalmia purulenta e logo retornaram à França. Guardo carinhosamente seu livro *Saudades do Brasil*.

Meus trabalhos

Meus trabalhos sempre se apoiaram em fontes primárias. No caso da tese de doutoramento, ou seja, *O Comércio Português do Rio da Prata*, lembro-me bem como tudo começou. No Museu Paulista deparei-me com vários volumes dos Arquivos de Buenos Aires. Encantei-me com o material, logo percebi que estava diante de um grande filão. Imediatamente comecei a copiar e a fazer o trabalho. Creio que levei um ano para realizá-lo. Naquela época eu era moça e trabalhava até altas horas da noite. Havia em mim muito entusiasmo e muita mocidade. Tinha forças para isso e boa saúde. Na defesa, o Prof. Gage, oficialmente meu orientador, declarou que eu havia feito a tese sozinha e que o meu trabalho nada tinha dele. Aquele trabalho acabou tendo uma grande repercussão. Foi o início de minha carreira como pesquisadora. Foi citado em inúmeras revistas de história internacionais, inclusive recebi carta da biblioteca do Vaticano solicitando exemplares da obra. Eu acabei mandando dois exemplares. Em certa medida, foi a fonte documental que inspirou minha pesquisa. Foi o primeiro amor. Eu gosto muito desse livro e até hoje eu o leio com prazer. Outro trabalho de que gosto muito é a introdução que fiz à obra do Antonil. A parte final desse trabalho não está tratada como eu gostaria. As exigências do editor obrigaram-me a entregar o manuscrito prematuramente.

No caso do *Açúcar nas Antilhas*, creio que a grande inspiração veio do estudo que havia feito para elaborar o prefácio da obra do Antonil. Na Biblioteca Nacional pude ler os grandes autores que descreviam a faina do preparo do açúcar. Consultei, também, muitos profissionais dos ofícios para entender uma série de termos técnicos utilizados. Passava o dia pesquisando na Biblioteca Nacional e só me levantava para tomar um lanche. A Biblioteca Nacional é muito rica. Nela se encontra toda a biblioteca trazida por D. João VI. Você a reconhece, pois existe o carimbo da Biblioteca Real. Deparei-me ao longo de minhas pesquisas com manuscritos em várias línguas. O material do *Comércio Português* era todo em espanhol. O do *Açúcar nas Antilhas* privilegiava o francês e o inglês. Com esse tipo de trabalho, acabei adquirindo uma grande prática em tradução.

O trabalho sobre o Algodão, minha tese de cátedra, foi elaborado para averiguar em que medida o algodão fora uma opção para o café, em função da guerra de Secessão nos EUA. Essa pesquisa exigiu muito trabalho de arquivo e de jornal. Naquela época, houve um surto de exportação de algodão para a Inglaterra. No entanto, os exportadores brasileiros foram muito desonestos, pois colocavam pedras nos fardos de algodão para aumentar o peso. Assim que as comunicações normais com o sul dos EUA foram restabelecidas, as exportações brasileiras caíram completamente por causa da precária ética dos exportadores brasileiros.

Posteriormente, meus trabalhos ingressaram na história quantitativa, especialmente aqueles sobre a estrutura da posse da terra e da riqueza em São Paulo. Então eu já estava na Faculdade de Economia. Esta mudança não me intimidou, pois sendo muito trabalhadeira aquela massa incrível de dados não me impressionava. Não poderia me retirar da pesquisa. A mudança para a história quantitativa representou uma revolução na época, era um método diferente de trabalho. A principal conclusão dos meus estudos sobre a Capitania de São Paulo é que a riqueza consiste na terra. Mais do que isso, o que realmente valia eram as benfeitorias da época. Elas é que dão valor à terra, pois esta, naquela época, era de tal forma abundante, que com a oferta muito grande o valor decrescia. A terra valia menos do que as benfeitorias. A grande vantagem de São Paulo foi ter sido um centro de exportação para as Minas, um centro de abastecimento das Gerais. E, logicamente, sem escravos não havia produção. E para se adquirir escravos torna-se necessário ter renda monetária e, portanto, bom produto de exportação. O Braudel achava que a Mafalda Zemella havia escolhido um assunto extraordinário, o abastecimento das Gerais, mas que acabou produzindo um trabalho aquém do esperado.

O trabalho de pesquisa

Lembro-me bem que ia para o Arquivo, localizava documentos e copiava e depois ficava "ruminando" todo aquele material. No caso da pesquisa sobre o algodão, eu fiz também muita pesquisa de jornal. Em minhas pesquisas, reconheço uma grande influência da base documental. Só me sinto segura quando apoiada em documentos. Não sou pessoa de realizar grandes vôos fora do material. Creio que é um problema de temperamento. Há pesquisadores que desejam se ver livres da base documental. O Prof. Braudel sempre repetia: "*penir dans les archives*" Eu pessoalmente sempre repousei em documentos. Há pessoas que com dois fios de cabelo fazem uma teoria. Na mudança do túmulo de Fernão Dias Paes, enterrado no Mosteiro de São Bento, havia dois fios de cabelo loiro ao lado da ossada. Isso foi o suficiente para que o Alfredo Ellis testasse sua teoria da origem germânica da população de São Paulo. Eu sou diferente. Preciso ver as provas objetivas do que estou estudando.

O que move o pesquisador é o gosto pela pesquisa. É como na música, nas artes plásticas. Se a pessoa gosta da pesquisa, então enfrenta todas as dificuldades possíveis. Caso contrário, logo a abandona. O pesquisador revela, acima de tudo, uma vocação. É algo que não se consegue impor a ninguém. Muitas vezes, a partir das pesquisa de outros, uma pessoa pode ser um vulgarizador. O vulgarizador pode possuir a capacidade de apresentar, de resumir uma pesquisa melhor talvez do que o próprio autor. Este se encontra muito dentro do assunto, enquanto que o outro vê de fora, é capaz de escrever, muitas vezes, um artigo brilhante. No campo da história, há lugar para todos. Todos têm seu papel. Uns pesquisando, outros vulgarizando.

Meus trabalhos sempre foram individuais, pois nunca pude dispor de ajudantes. Sempre trabalhei sozinha. Não havia dentro da universidade uma estrutura de apoio aos pesquisadores. O trabalho em equipe é organização moderna. No meu tempo, o trabalho em co-autoria não era comum. Isso é um fato moderno. A vantagem de quem trabalha em co-autoria é que publica muito. No entanto, há bancas que, na avaliação do currículo, dão pouco valor aos trabalhos realizados em co-autoria. Essa é a influência americana. Nos EUA, deve-se publicar, publicar e publicar. Muitas vezes, faz-se um nariz de cera diferente e um trabalho se multiplica em três. O que eles querem é fazer currículo, fazer "maço" como se dizia na gíria acadêmica. Esse espírito de maço já havia naquela época. Não é o caso da influência francesa. Nós somos filhos da pesquisa histórica da França por causa dos grandes professores que tivemos.

O Braudel dizia que a História é um ramo da literatura, que em início do seu desenvolvimento a História se desprende da literatura, o que deve levar o historiador a escrever bem, é uma imposição do ofício. Eu não sei se escrevo bem. A única coisa que sei é que um mesmo texto escrevo várias vezes. Coloco-o na gaveta e volto a relê-lo após alguns dias. Eu o corrijo inúmeras vezes até considerá-lo pronto. Escrever é difícil. Não se escreve de uma hora para outra, se alcança boa linguagem. A língua é dinâmica. O uso do gerúndio, por exemplo, nem sempre é correto. Em Portugal diz-se que o elevador "*está a descer*" Aqui dizemos "*está descendo*" No entanto, é um feitio de nossa língua o uso do gerúndio. Nós usamos muito mais o gerúndio do que os portugueses. A língua é dinâmica, vão surgindo termos novos e novas formas de se expressar.

O Prof. Braudel dizia sempre que um bom artigo requer várias "edições" para sair numa linguagem correta. Braudel abusava das reticências e muitos diziam não ser a linguagem adequada para um historiador, era literatura. No entanto, ficou famoso com o seu livro *La Méditerranée. L'Époque de Phillippe II*. Eu o ajudei no fichamento de muitos documentos dos arquivos de Sevilha. As fichas do Prof. Braudel não eram usadas no sentido horizontal mas verticais. Ao lado da ficha ele colocava um sinalzinho com a página e o número do catálogo de onde havia tirado o material. Eu aprendi muito ao ajudá-lo nesse trabalho. Paulette era a sua esposa e o ajudava muito no trabalho de arquivo, revisão e datilografia. Certa vez, Hamilton, o historiador da *História dos Preços*, chegou a dizer: *ta vrais fortunette a été Paulette*. Quando comecei a escrever, tinha letra muito grande. Braudel disse-me que deveria usar letra pequena pois assim perdia-se menos tempo para escrever. A letra dele parecia um grão de areia de tão pequena.

Temas de pesquisa

Creio que deixei uma herança na Faculdade de Economia que bem ou mal influenciou toda uma geração de pesquisadores: a importância da fonte primária como ponto fundamental do

trabalho de pesquisa. Creio que um grande tema de pesquisa e sobre o qual muito pouco se tem feito é o desenvolvimento dos grandes latifúndios e a subdivisão da terra até chegar às pequenas e médias propriedades. Ou seja, uma história da propriedade fundiária. Lembro-me bem que meu pai possuía uma fazenda em Araras, São Paulo, que se chamava Belmonte. Essa fazenda originalmente fazia parte do latifúndio do Visconde de Nova Granada. Meu avô havia recebido 100 alqueires, como reconhecimento pelo fato de haver tratado e curado a enfermidade do Visconde. Creio que o estudo da evolução da propriedade fundiária é um tema importante de pesquisa. Pode-se, por exemplo, tomar o município como ponto de referência e ir aos tabeliães e analisar as escrituras de compra e venda. Tenho muito material reunido sobre escravos. É um material dos tabeliães sobre compra e venda de escravos. Apesar do Rui Barbosa haver mandado queimar os documentos, ainda ficou muito material intacto. Espero poder escrever sobre o assunto. Eu só não comecei porque estive muito doente recentemente.

O ensino

Nunca fui à aula sem ter um plano. Sempre segui as recomendações do Prof. Braudel: deve-se abordar três pontos fundamentais ou no máximo quatro em cada aula, reservar um espaço ao término da aula para um resumo final. No início de cada aula é recomendável anunciar esses pontos fundamentais que serão tratados ao longo da aula. Eu sempre fui muito rigorosa com relação aos alunos. Em minha atividade didática dava tudo de mim. Eu não ficava "comendo" o tempo. Como decorrência, exigia muito dos alunos. Às vezes, eu fico triste, não por mim, mas pelos outros tantos talentos que, cheios de vida, de atividade, de poder criativo, são ceifados quando chegam aos 70 anos, com a aposentadoria compulsória.

A faculdade de economia

Na Faculdade de Filosofia, o Prof. Dreifus, que era o diretor, me estimulou a prestar o concurso para a Cadeira de História da Civilização Americana. Ele não queria abrir o concurso para apenas um candidato. Eu ainda não possuía uma tese. Naquela época, ninguém queria mulheres nas cátedras. As mulheres eram ótimos elementos para serem datilógrafas e secretárias. No entanto, não me deixei intimidar e disse: "*Eu faço o concurso e vocês que me reprovem. Estamos entendidos*" Eu tive a audácia de concorrer com o meu chefe. Pecados da juventude. Em meio a todo tipo de dificuldades, e faltando apenas 5 minutos para expirar o prazo, meu irmão entregou os exemplares da tese exigidos para a inscrição no concurso. A minha batalha na Faculdade de Filosofia foi muito grande. No concurso, as notas ficaram empatadas e finalmente desempataram em favor do meu chefe.

Quando saí da Faculdade de Filosofia, primeiro fui para o Instituto de Administração, dirigido por José Reis. Lá eu fiquei durante um ano e logo após transferi-me para a Faculdade de Economia. Havia criado as cadeiras de Geografia, História e Sociologia. Eu acabei ficando com a cadeira de História e o Dirceu Lino de Matos com a de Geografia. Na Faculdade de Economia eu não sofri qualquer tipo de restrição ou de discriminação. O professor Teotônio Monteiro de Barros recebeu-me de braços abertos. O ambiente da Faculdade de Economia era bem diferente do da Faculdade de Filosofia. O pessoal da Faculdade de Economia ligava-se mais à vida ordinária, dos fatos, do cotidiano. Na Faculdade de Filosofia havia muitos "intelectualóides" que se diziam avançados, liberais, mas que, no fundo, eram extremamente preconceituosos para com a mulher.

Na Faculdade de Economia conheci pessoas brilhantes. Acho brilhante o trabalho do professor Delfim Netto, excelente. Aliás, ele é uma grande cabeça, um bom pesquisador. Se estivermos em uma roda discutindo sobre alguma pesquisa é o primeiro a entender do que se trata, logo elabora e já solta as conclusões. Possui uma rapidez extraordinária de raciocínio. É uma grande pessoa, um grande sujeito. O livro de Dorival Teixeira Vieira, *O Sistema Monetário Brasileiro*, é também um grande livro. Na faculdade, conheci, também, o Prof. Paul Hugon. Ele é autor de um livro *História das Doutrinas Econômicas*, mas não vejo grande força intelectual.

Durante muito tempo acreditei que a missão intelectual da Faculdade de Economia fosse elaborar uma teoria do subdesenvolvimento. Em certo sentido ela fracassou nesse objetivo, pois hoje não é identificada com teoria alguma. Para se elaborar uma teoria é necessário maior aprofundamento dos estudos de História, Teoria Econômica e Estatística, que são os três alicerces da Economia. É necessário maior integração entre a História e a Teoria. Não é fácil elaborar uma teoria. Para criá-la e para fazer escola, no sentido de escola, é necessário estudar e trabalhar muito. Há quem diga que a vida de professor é um sacerdócio. No entanto, o professor não é bem pago. Por isso, poucos se dedicam exclusivamente à profissão. O primeiro que aumentou o salário dos professores foi o Prof. Ulhoa Cintra, o primeiro avanço, pois ganhava-se muito pouco. Não obstante, trabalhava com afinco e entusiasmo, condições estas indispensáveis a qualquer trabalho de bom nível.